

31 MAR 1987

"Não deve haver saques em massa"

por Paulo Sotero
de Washington
(Continuação da 1ª página)

"Em Miami, embora sem receber o endosso que esperava dos bancos, o Brasil conseguiu comprar tempo", disse um banqueiro que esteve presente aos encontros do comitê de bancos com o presidente do Banco Central, Francisco Gros. "Agora, Funaro vai jogar sua cartada final, em Washington. Se ele fracassar, não terá mais condições de ficar no governo. Se for bem-sucedido, entraremos numa negociação-piloto com o Brasil."

Parece reduzido, contudo, o espaço para o êxito do ministro da Fazenda. "Nós não estamos interessados em confrontação e existe espaço e disposição para uma acomodação", afirmou ontem a este jornal um alto funcionário do governo americano.

"Mas o Brasil deve fazer três coisas, se quiser ter uma resposta positiva. A

primeira, é explicar seu programa econômico e as medidas que pretende tomar.

A segunda é que o governo faça um gesto para demonstrar sua boa vontade e sinceridade nas negociações." O gesto esperado, segundo a fonte, é um pagamento simbólico de juros da dívida aos bancos, que o comitê pediu, em vão, na reunião com Gros, na semana passada. "A terceira e talvez mais importante coisa seja uma mudança de estilo. Funaro simplesmente angariou antipatia por todos os lugares por que passou em Washington. Esse problema de estilo pode parecer menor mas não é."

Essa atitude é, neste momento, estimulada por notícias como a que foi publicada ontem pelo New York Times, dando conta do seu crescente isolamento político no Brasil e da possibilidade de sua substituição nas próximas semanas.

A fonte reconheceu que há, especialmente no Federal Reserve Board (Fed), funcionários sensíveis a alguns dos argumentos comuns dos países devedores.

Como afirmou, por exemplo, num recente simpósio sobre o problema da dívida, organizado pelo Massachusetts Institute of Technology, o diretor do Departamento Internacional do Fed, Edwin Truman, considera necessária uma agilização do processo de aprovação e desembolsos dos créditos oficiais e privados aos países devedores. Mas acrescentou, ao mesmo tempo, que, ao fazer concessões a Funaro, os países industrializados provavelmente reforçariam atitudes e o estilo de ação que menos apreciam no ministro.

A despeito desse tipo de declaração, há quem acredite no sucesso de Funaro. "O pós-Funaro talvez seja um período tão incerto quanto o atual", afirmou

um banqueiro com amplo conhecimento do Brasil. "Os governos dos países industrializados tomarão uma decisão baseada num cálculo estratégico, que depende de uma avaliação sobre o grau de estabilidade política e social interna no Brasil no curto e médio prazos. Se o Funaro vier com uma proposta realista e pragmática, poderá obter o que quer", acrescentou a fonte.

(O Marine Midland Bank Inc., de Buffalo, Nova York, comunicou à Securities and Exchange Commission, que poderá reclassificar como "non performing" parte de sua carteira de US\$ 653 milhões de empréstimos ao Brasil, caso o País não chegue a um

acordo com seus credores nos próximos meses.

O Marine Midland esclareceu, contudo, que não necessita tomar uma decisão final até setembro, pois até lá não terá pagamentos de juros atrasados mais de noventa dias. Se o impasse atual permanecer, o Marine Midland deverá sofrer uma redução de US\$ 22 milhões em seus lucros, US\$ 359 milhões dos empréstimos do banco ao Brasil são de médio e longo prazos. O Marine Midland é o quarto banco credor nos EUA a comunicar à CVM americana a possibilidade de vir a sofrer perdas em função da suspensão de pagamentos da dívida anunciada pelo Brasil em 20 de fevereiro passado.)

“Não deve haver saques em massa”

31 MAR 1987

Dinda, et

GAZETA MERCANTIL

por Paulo Sotero
de Washington

A contragosto, os grandes bancos americanos credores do Brasil estão inclinados a atender ao pedido do governo e manter, por sessenta dias, suas linhas de crédito de curto prazo, indicaram, ontem, fontes financeiras a este jornal.

“Não haverá saques em massa”, previu um banqueiro. “Poderão ocorrer decisões isoladas de bancos regionais americanos ou credores europeus de menor porte. Mas, de imediato, a radicalização não é do interesse de ninguém. Os bancos vão esperar para ver qual é o plano econômico e qual é a proposta de renegociação brasileira.”

“Alguns pequenos bancos podem decidir sair do Brasil, mas isso não ficará claro no dia 31 ou mesmo no dia 1º de abril, que, aliás, é o dia da mentira”, disse um outro banqueiro. “Os créditos de curto prazo não vencem todos no mesmo dia.” As agências de dois grandes bancos brasileiros em Nova York não reportaram, ontem, nenhuma anormalidade com suas linhas de crédito.

Com a expiração, à meia-noite de hoje, do acordo assinado entre o Brasil e os

bancos, em 1983, e renovado em sucessivas negociações, esgota-se o compromisso formal assumido pelos credores privados de manter os cerca de US\$ 15 bilhões em empréstimos fornecidos através das linhas de crédito comercial e interbancário, que, em números redondos, são de US\$ 10 bilhões e US\$ 5 bilhões, respectivamente.

Uma pequena amostragem de executivos de bancos regionais americanos, entrevistada ontem por este jornal, sugere que não haverá, de imediato, alterações em sua atitude tradicional, que é guiar-se pelos grandes bancos. “Nós não gostamos da decisão de suspensão de pagamentos de juros adotada pelo Brasil, mas, por enquanto, estamos mantendo os créditos”, afirmou Marres Choppin, do Commerce Union Bank, de Nashville, Tennessee, a este jornal. O Commerce Union tem “um pequeno empréstimo” na linha de crédito comercial, informou Choppin, sem fornecer o montante exato. Os bancos que concederam créditos de até US\$ 25 milhões representam cerca de US\$ 2 bilhões das linhas de curto prazo.

Os credores privados reavaliarão sua atitude dentro de duas semanas —

indicaram as fontes — à luz dos resultados que o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, obtiver em sua próxima visita a Washington, a partir deste fim de semana, onde se encontrará com seus colegas dos países industrializados, presentes à reunião do comitê interino do Fundo Monetário Internacional.

Na opinião de dois banqueiros ouvidos por este jornal, Funaro deve jogar “sua carta decisiva” nesses encontros, procurando obter apoio político para uma negociação da dívida que incluiria novas variáveis, como, por exemplo, a da capitalização de juros da dívida aos bancos e uma agilização dos mecanismos de financiamento.

(Continua na página 40)

A economia brasileira deverá enfrentar novos problemas nesta semana, porque os bancos provavelmente não irão conceder ao País créditos adicionais de curto prazo. Essa previsão foi feita ontem, em Frankfurt, Alemanha Ocidental, por Werner Blessing, membro da diretoria do Deutsche Bank, que classificou ainda a situação econômica do Brasil como uma “verdadeira catástrofe”.

(Ver página 41)